



BREVE HISTÓRICO DO ACERVO BENNO MENTZ: CONSIDERAÇÕES SOBRE SUA TRAJETÓRIA DESDE O SÉCULO XIX

ROSANGELA CRISTINA RIBEIRO RAMOS*

“No contexto da sociedade digital ou em rede em que vivemos, falar de arquivos é falar de informação. Não se concebem hoje os arquivos apenas como locais de memória, onde documentos antigos permanecem guardados como bens patrimoniais com valor cultural assinalável.” (RIBEIRO, 2012, p.45).

O presente trabalho versa sobre a trajetória do Acervo Benno Mentz (ABM). Este acervo é, muitas vezes, caracterizado como um representante do patrimônio e memória sobre os colonizadores alemães e seus descendentes, no Rio Grande do Sul. Contêm inumerável documentação que se refere à temática da colonização, como imprensa (majoritariamente, em idioma alemão), correspondências, materiais iconográficos e fonográficos, além de uma biblioteca, um arquivo genealógico e os arquivos das empresas da família Mentz. Tal acervo é tido como uma referência devido à vasta documentação que permite agregar mais conhecimento sobre o processo de imigração e colonização alemã, no Rio Grande do Sul. Porém, as fontes ali existentes são bastante diversificadas, em sua espécie, e, nas informações que dispõe ao público, permitindo os mais diversos estudos em diversas temáticas e campos do conhecimento.

A documentação existente no ABM é um tanto enigmática, pois devido à quantidade e variedade de materiais é impossível classificar parte de seus itens sem auxílio técnico. Encontram-se documentos de várias empresas, principalmente as relacionadas à família Mentz. O conjunto de documentos que é formado pelos arquivos particulares de Frederico e Benno Mentz compõe-se de correspondências, papéis pessoais e outros. Além de álbuns de fotografias (pessoais, paisagens, e etc.), pôsteres autografados, filmes e uma infinidade de anotações, dispersas em rascunhos e cadernos. Porém, também se encontram pinturas, filmes, partituras, desenhos, plantas, mapas e até mesmo cadernos de caligrafia.



*Mestranda do Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Bolsista FAPERGS. E-mail: rosangelaramos.historia@gmail.com

O ABM recebeu seu nome em deferência à Benno Mentz (1896-1954), pois foi em função das atividades dele, que o acervo se desenvolveu mais, seja em tamanho, seja em diversidade. Benno Mentz, era o segundo filho de Frederico Mentz e Catharina Ritter Trein, nascido em 12 de fevereiro de 1896, em São Sebastião do Caí, e falecido em 31 de julho de 1954, em Essen, na Alemanha. Iniciou seus estudos no Ginásio Farroupilha de Porto Alegre. Em 1919, partiu em viagem de estudos pelos Estados Unidos – na *Academia de Comércio de Poughkeepsie*, em Nova York, onde estudou Propaganda e Organização – retornando em 1921, quando assumiu a chefia do escritório da *firma Frederico Mentz & Cia*, tornando-se procurador geral dos negócios do seu pai.

O trecho acima demonstra que Benno Mentz possuía condições de subsidiar viagens de estudos, no exterior, porém é importante compreender por quais meios esta possibilidade surgiu para um então rapaz, nascido no interior do Rio Grande do Sul. Para isto, é preciso fazer uma retrospectiva familiar, de modo a perceber como este núcleo alicerçou não somente a carreira de Benno Mentz, enquanto futuro empresário, mas também a de outros membros, como seu pai, Frederico Mentz ou A.J. Renner, por exemplo. Como já relatado por Bjerg (2010, p: 40) os “lazos de parentesco e amistad” aparecem como estruturas fundamentais para o progresso econômico e a mobilidade social dos imigrantes e seus descendentes.

Ao longo de sua vida, Benno Mentz, teve papel destacado em diversos segmentos e por mais que se especule sua motivação para se dedicar à que ele imaginava ser a história da colonização alemã, não é possível sair do terreno das hipóteses. Se pode apenas considerar que tal empenho, facilitou o acesso às diversificadas fontes, que em maior ou menor grau foram preservadas para os estudos históricos ou não. Na condição de rico empresário e aparentemente, um entusiasta da história da colonização alemã, Benno Mentz buscou e organizou documentos e fontes para um melhor entendimento desta temática. Tanto que parte de sua produção, se enquadra no ramo da Genealogia. E, mesmo que na sequência do texto, tenha sido possível perceber um pouco de sua vivência, enquanto um agente histórico que se



empenhou, para legar às outras gerações, o que viria a se tornar o Acervo Benno Mentz; investiu recursos humanos e financeiros para obter materiais para suas coleções.

Quanto ao início da formação do corpus documental do ABM é importante ressaltar que seu precursor foi Frederico Mentz (1867–1931). Seja pelo fato de começar a coleção de jornais, seja também, por ter idealizado uma fundação de caridade que se tornaria espaço de pesquisas genealógicas que, posteriormente, reuniu os materiais do acervo atual. Ao morrer Frederico Mentz, em 1931, delineou o *Instituto Frederico Mentz* (IFM), cuja renda era destinada aos necessitados, porém em data não estipulada, seu nome e função se alteraram, passando a se chamar *Instituto Beneficente e Genealógico Frederico Mentz*, no qual passou a ser reunido material para pesquisa sobre a história das famílias alemãs, e, provavelmente, as coleções jornalísticas também ficavam neste mesmo espaço. Após sua morte, Benno Mentz assume esta função e expande a gama de tipos documentais, não se dedicando somente à guarda de jornais.

Nesta época, "não há como negar um reavivamento do 'nacionalismo alemão' (*Deutschum*) na década de 1930. Mesmo pessoas que se opunham de forma pública e incisiva ao nazismo - que tinha alguns representantes passeando uniformizados pelas ruas do sul do Brasil - reforçam suas concepções germanistas." (GERTZ, 1994, p: 23). Apesar dos problemas ocorridos durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1919) e da concepção de *perigo alemão* permear a sociedade, é principalmente a partir das décadas de 1920 e 1930, que a "promoção da germanidade cresce e mais fortemente aparece na imprensa teuto-brasileira, [...] entra em confronto direto com a campanha nacionalizadora do governo brasileiro." (GANS, 2004, p:213). Weber (2004) ao analisar a comemoração da festa do centenário da imigração alemã (1924) se refere ao reavivamento étnico, deste período.

Gertz (1987), Gans (2004) e Grützmann (1999) afirmam que o germanismo estava mais enraizado nas camadas superiores da população de imigrantes alemães e descendentes. [...] esse germanismo tem uma função voltada especialmente para as relações de dominação entre os próprios teutos. (ARENDDT, 2006, p: 108).

É neste contexto de debate acerca do germanismo, das reverberações sobre a guerra, que o ABM foi se constituindo. Este acervo, pertencente a uma proeminente família, ficou



guardado nas dependências das firmas até que lhe fosse destinado um espaço específico. Mesmo que a política nacionalizadora de Vargas, tenha influenciado no comportamento da comunidade teuto-brasileira, o acervo aos poucos, foi sendo reunido e sobrevivendo.

Em um folheto, intitulado *INSTITUTO BENNO MENTZ -SUAS FUNÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS*, sem data definida – mas do qual se infere ser 1956, pois é dois anos posterior ao ano óbito de Benno Mentz – há referência a mudança da nomenclatura de *FUNDAÇÃO FREDERICO MENTZ* para *INSTITUTO BENEFICIENTE e GENEALÓGICO FREDERICO MENTZ* e depois *INSTITUTO BENNO MENTZ*, pois após sua morte, seus filhos, Frederico Augusto Benno e Lauro Christiano Mentz, juntamente com seu genro Oswaldo Jacobsen decidiram homenageá-lo. Neste folheto o IBM se coloca como um arquivo histórico e genealógico, devendo-se o termo genealógico à atuação de Benno Mentz.

A sigla utilizada neste material é IBM e começa por dizer que mesmo que a maioria dos leitores saiba da sua existência, no entanto sua origem, significado e propósito não são conhecidos. Afirma que ao longo de décadas, as atividades de coleta tenazes gradualmente preencheram várias salas. Destaca que durante a guerra (1939-1945) como resultado das apreensões houve uma destruição maciça de literatura alemã no Brasil, e grandes partes da coleção e insubstituíveis fontes históricas se extinguíram.

Este folheto também alude às publicações de pesquisas originais e destaca a obra sobre Dona Leopoldina. E quando se refere às atividades *atuais* do instituto, destaca: cuidados e outras ações com o catálogo; classificação adequada dos novos itens e dos regulares; a interpretação do material para os visitantes (Escritores, pesquisadores da família, historiadores); publicações; contato com instituições de tipo semelhante (por regulamentos e troca de material e realização de investigação conjunta. Aproveita a oportunidade para mencionar que todos são convidados a participar na coleta sistemática do INSTITUTO BENNO MENTZ, contribuindo com alguma documentação de forma prestar um à historiografia da população teuto-brasileira no estado do Rio Grande do Sul. Ao final consta o endereço e o horário de funcionamento do IBM.



Segundo Kersting (2004) o IBM funcionou até a década de 1970, porém quando ocorreu a transferência do acervo para a UFRGS, no contrato de comodato, aparece como o comodante o IBM, naquele ato, representado por seu gerente, Raul de Oliveira Santos e citando o endereço da Rua Santos Dumont (o mesmo do folheto). Já na renovação do contrato, em 1998, foi Marília de Oliveira Santos, a representante (seu irmão Raul faleceu em 1995) e o endereço do IBM constou como, Rua Anita Garibaldi, 1924/301.

O acervo foi citado com outros nomes, no artigo de Klaus Becker sobre a colonização de Teutônia, ele cita como fonte o “Arquivo Genealógico do Instituto Benno Frederico Mentz” (BECKER, 1976, p:276). Já Telmo Muller, ao final de seu artigo *A memória dos teuto-gaúchos*, ao listar os arquivos e museus de seu conhecimento, cita o “Arquivo Benno Mentz (junto à UFRGS)”. (MULLER, 1996, p: 247).

Conforme o autor Eduardo Kersting (2004), com a documentação que reuniu sobre a imigração alemã, somada aos arquivos particulares da família, Benno Mentz procurou, de início, criar um museu, depois uma fundação com o nome do pai, e por fim um instituto que agregasse o patrimônio que hoje constitui o Acervo Benno Mentz. Também coloca que, por duas vezes, tal patrimônio correu o risco de se perder. Na primeira ocasião, uma parte do material foi danificada na enchente de 1941, em Porto Alegre, quando se achava depositado nas dependências da firma da família. Na segunda ocasião, em razão de denúncias anônimas, junto às autoridades policiais, de que se trataria de material secreto nazista, foi necessária uma constante mudança de local da coleção histórica, tendo esta, no entanto, permanecido relativamente intacta.

Um dos poucos documentos, que data do período anterior à transferência para a UFRGS, é uma espécie de ata de reunião, cujo autor não é identificado. Datada de janeiro de 1956, cuja caligrafia é um tanto ilegível, mas, em suas quatro páginas, traz informações algumas informações sobre o “Plano Geral” de terminar a catalogação e organização dos arquivos, preparar a inauguração, completar as coleções de jornais, almanaques, revistas e da biblioteca. Ainda na primeira página, aparece dentre os objetivos paralelos: escrever um livro com o tema “Fontes das História dos Alemães em RGS”, alegando que “muitos historiadores e principalmente amadores reclamam da falta de cartas, verdadeiras fontes da história”. Na



página dois aparece uma listagem das publicações do instituto, de dentre a diversidade de pontos mencionados neste documento, há lista de compra de materiais, a necessidade de preparar um quadro de Benno Mentz “para a inauguração” (provavelmente do IBM), mas se pode perceber a preocupação em organizar, amearhar mais documentação e trabalhar a divulgação, através de publicações.

Mesmo que a atividade de coleta tenha sido iniciada antes, o acervo começou a ser organizado na década de 1920, e houve uma contínua reunião de materiais até 1968, sendo resguardado, por último, pelo advogado e procurador do Estado, Raul de Oliveira Santos. Ao que tudo indica o ABM foi negociado como parte do pagamento de honorários; Raul de Oliveira Santos foi o responsável pela partilha dos bens de Benno Mentz.

Uma data formal que possa ser estipulada como o início da formação não é possível, pois não existem muitas informações que remetam a este período, ou tais documentos estão perdidos. Talvez estipular o ano de 1931? Ainda assim não é seguro afirmar, pois o *desejo* de Frederico Mentz era que a fundação se destinasse à caridade e como decidir qual o momento exato que acervo se tornou acervo. De certeza é que foi a partir da década de 1950, como indica o folheto do IBM. Entretanto, colocando à parte a especulação, é importante pensar que o ABM atravessou o século XX, em meio a inundações, guerras e certamente é preciso refletir sobre as interferências ocasionadas por estes fatos, mesmo que ao longo deste século, e do anterior, outros institutos, arquivos e órgãos do mesmo gênero tenham sido criados, o ABM foi uma iniciativa privada, que mesmo com as mudanças *no comando*, sobreviveu ao tempo.

A partir de uma pasta existente no próprio acervo denominada *Acervo Benno Mentz-Histórico* que reúne documentação a partir do ano de 1988 e se refere ao período em que o material esteve na UFRGS. Inclui contratos, ofícios, cópias de matérias de jornais e correspondências, dos quais é possível extrair informações que demonstram alguns momentos conturbados, seja a falta de espaço (para depositar o material) e de funcionários, além do incêndio ocorrido na Biblioteca de Ciências Sociais e Humanidades (BCSH), onde o material se encontrava, resultando em danos (1993) ou um processo movido pelo Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para obter o acervo como forma de pagamento de uma dívida do IBM.



Em torno de 1989, houve tratativas para que a UFRGS comprasse o ABM, houve avaliação do material, mas a compra nunca foi efetivada. Até mesmo houve troca de correspondência com a *Gerdau* para verificar a possibilidade de um auxílio para a efetivação da transação. Porém, na documentação posterior o fato não foi mais mencionado.

Em carta, datada de 02 de janeiro de 1995, cuja “distribuição é restrita, devido a custos, mas a circulação é irrestrita desde que seja na íntegra para evitar truncamentos”, o Professor René E. Gertz relata alguns fatos ocorridos desde a chegada do ABM na UFRGS, em 1988. Esta mesma carta foi usada como base para uma matéria do *Jornal do Comércio*, conforme os recortes. Este documento inicia afirmando que em 1988 o então pró-reitor de pesquisa e pós-graduação da UFRGS, Héglio Trindade, negociou um contrato de comodato com Raul de Oliveira Santos, pelo qual, este na condição de proprietário, cedia o ABM à UFRGS, esta, por sua vez se comprometia a organiza-lo, acomodá-lo e mantê-lo aberto para pesquisadores. Tal contrato foi assinado no último dia da gestão de Francisco Ferraz como Reitor. Pouco depois seu sucessor, Gerhard Jacob nomeou uma comissão constituída de cinco membros para administrar o acervo: dois representantes do proprietário, três da universidade, sendo nomeado como presidente, o Professor do Departamento de História, René E. Gertz.

Depois de algumas acomodações e manejos sob condições muito precárias, o ABM foi levado ao prédio em que funciona atualmente a administração do Instituto de Letras. Porém, em 1990 foi pedida a devolução das respectivas salas, assim, após vários pedidos à Reitoria para que fosse alocado um local definitivo e pelo menos um funcionário, o então diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), resolveu abrir um espaço na Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanidades, de forma provisória. Então o ABM foi removido para o Campus Agronomia, junto aos prédios do IFCH e da Letras, uma vez que pensava-se serem os maiores interessados os pesquisadores desta áreas.

Nesta biblioteca, a organização do material foi continuada e foi possível, então, atender pesquisadores provenientes de outras universidades, como Stanford (EUA) e Graz (Áustria). Mas permanecia a necessidade de um funcionário, os quais desistiam ao se deparar com as condições insalubres do local. Passada a gestão Gerhard, a situação permanecia inalterada de modo que em novembro de 1993, René E. Gertz pediu demissão do cargo,



naquele ano também houve um incêndio que colocou em risco a integridade do acervo. Também crescia a pressão para que o espaço ocupado fosse devolvido. Nesta altura da carta é feita uma ressalva quanto ao “papel do pessoal da biblioteca”, pois sempre se mostraram atentos aos materiais, apesar de não terem responsabilidade direta, sendo que na época, posterior ao incêndio da BCHS, houve por parte da Sra. Maria Cristina Bürger (bibliotecária-chefe) uma solicitação para um tratamento especial aos materiais em função do encharcamento sofrido, quando o sistema de *sprinklers* se acionou.

Em março de 1994, não havendo atitude por parte da Reitoria, os responsáveis pela biblioteca, transferiram o material para outras salas; naquele momento não havia ninguém que se responsabilizasse assim “suas condições de armazenamento são tais que favorecem o acelerado processo de deterioração”. De 1989 até 1993 houve reorganização parcial, permitindo o acesso aos pesquisadores.

Devido a contratemplos, tais como o incêndio da biblioteca, determinou-se o fechamento do ABM até 1997, quando o Instituto Latino-Americano de Estudos Avançados (ILEA) lhe destinou um espaço razoável e com uma doação da *Gerdau*, uma melhora na estrutura, com a substituição das prateleiras de madeira (infestadas de cupim) por outras de aço. Reiniciou-se a reorganização de modo que em janeiro de 1999, boa parte da documentação pode ser disponibilizada novamente ao público e a devida reinauguração ocorreu em janeiro de 2000. Devido ao esforço realizado no ILEA, a família de Raul de Oliveira Santos (falecido em 1995) resolveu renovar o contrato até 2009.

Atualmente o ABM encontra-se no DELFOS - Espaço de Documentação e Memória Cultural, sob o regime de comodato. Como o contrato com a UFRGS não foi renovado novamente; em 2009, a família de Raul de Oliveira Santos acordou com a PUCRS a guarda do acervo. O DELFOS se localiza no 7º andar da Biblioteca Central Irmão José Otão. Têm como objetivos preservar, classificar e disponibilizar, ao público interno e externo, mediante cadastro e credenciamento, as coletâneas, arquivos, bens e objetos que digam respeito à cultura sulina, e que sejam de propriedade da PUCRS ou estejam sob sua guarda e responsabilidade. Ao consultar o site do DELFOS, é possível verificar a divisão dos acervos em quatro grandes áreas: Escritores e jornalistas (27 acervos), Coleções e Colecionadores (6



acervos), Arquivos Históricos e Historiadores (5 acervos) e Arquitetos (que até o presente momento dispõe do acervo de Theo Wiederspahn).

Como já havia espaço reservado, parte do material foi instalada no 7º andar, então, o acervo se encontra dividido: parte de seus materiais está no DELFOS, em boas condições de armazenamento, enquanto o restante do material se encontra em outro andar da biblioteca, aguardando uma seleção prévia ou a requisição de algum pesquisador, de modo que ele *desça* e seja devidamente higienizado e registrado. Em função do espaço restrito, desde que o acervo chegou na PUCRS se priorizaram alguns materiais, entendendo que eles seriam mais acessados, o caso da imprensa. Muito recentemente, foi obtido o auxílio de mais funcionários, além do bolsista que trabalha para que o material fique à disposição do público. Esta situação ainda não é a ideal, mas certamente houve melhora sensível nas condições de preservação do ABM.

No já citado folheto, denominado “INSTITUTO BENNO MENTZ - SUAS FUNÇÕES E SEUS SIGNIFICADOS” há uma tentativa de propagandar o acervo, e, requisitar mais materiais à sua coleção. De pequenas dimensões e publicado em idioma alemão, ele apresenta, naquela época, como componentes do ABM, a listagem que segue.

- 25.000 fichas de famílias, criadas sob tutela de Benno F. Mentz;
- 15.000 obituários, coletados ou comprado por Benno F. Mentz;
- fichas de família criado por Padre Amstad. S. J.;
- Uma lista de imigrantes pelo Dr. Hillebrand, 1824-1829, com 5.565 nomes;
- Um arquivo de fotos;
- Biografias;
- Literatura sobre Genealogia-Heráldica;
- Arquivos de várias empresas;
- Arquivo com recortes de jornal de Arno Philip, 64 volumes, 16.000 páginas;
- 3.000 Almanques;
- Um Arquivo de jornais alemães-brasileiros, incluindo “Deutsche Zeitung”, 1861-1917, completo, novas coleções de “Deutsches Volksblatt” - “A Nação” (com suplemento alemão); “Koseritz Deutsche Zeitung”; “Der Kolonist”, Porto Alegre, 1852; “Der Einwanderer”, Porto Alegre, 1855; “Allgemeine Auswanderungszeitung”, Rudolstadt, 1863; “Der Bote”, S. Leopoldo, 1867/78; “Serra-Post”, Ijuí; “Deutsche Wacht”, Pelotas, 1916/17; “Brasil Post”;



- "Deutsche Nachrichten", São Paulo; "Deutsches Wochenblatt", Rio; "Correio do Povo"; "Diário de Notícias"; "Jornal do Dia, "Folha da Tarde" e outros;
- O Arquivo da SEF (Organização de Socorro à Europa Faminta);
 - O Arquivo Aloys Friedric;
 - O Arquivo Dr. Breitenbach;
 - O Arquivo Heckteuer.
 - O Arquivo Albert Bins;
 - "Koseritz Neue Deutsche Zeitung" (1882-1941), completo;
 - "Gazeta de Santa Cruz".

Como dito, no capítulo 3, o ABM sofreu alguns revezes em relação às inundações, por isso é possível encontrar materiais bastante danificados, que “entortaram” durante o processo de secagem. Também tem materiais que foram atingidos por brocas, fungos e outras pragas que assolam quaisquer acervos. Em termos comparativos há poucos materiais que estão inutilizáveis, como é o caso da figura 18, abaixo:

Os materiais iconográficos e fonográficos foram o agrupamento que mais se degradou com as constantes mudanças e condições inóspitas de conservação. Parcela considerável de discos, filmes, mapas e outros sofreram algum dano.

Tal como é comum em arquivos de família, a formação possivelmente partiu da necessidade de gerir os negócios no seu todo, daí a predominância dos documentos de caráter patrimonial e genealógico. Há também, no entanto, outro conjunto de fontes que dizem respeito ao domínio biográfico, social, familiar e pessoal. Referimo-nos aos pequenos livros de notas particulares, registros de receitas e despesas, registro de dívidas ou ainda os cadernos pessoais e uma variedade de correspondências privadas, desde fatos das intrigas familiares até simples cartões-postais. O meio familiar é um produtor de documentos privados e pessoais que contribui para a Historiografia, oferecendo fontes não oficiais. A vivência pessoal dos acontecimentos não é acessível a partir da perspectiva oficial dos arquivos públicos. Um documento privado – porque é produzido fora dos constrangimentos dos cargos que ocupam e das regras estabelecidas pela organização das instituições oficiais – oferece-nos a possibilidade de informações mais espontâneas e livres, que nos permitem aceder ao lado exteriormente invisível



dos acontecimentos. O cruzamento de informação registrada nos arquivos públicos com a perspectiva “não oficial” dos acontecimentos que a confidencialidade do espaço privado familiar permite, pode dar origem a verdadeiras descobertas, ou complementar, de forma inovadora, outros prismas do conhecimento histórico. (MACEDO, 2012).

Os arquivos pessoais constituem valiosas fontes de pesquisa, seja pela especificidade dos tipos documentais que os caracterizam, seja pela possibilidade que oferecem de complementar informações constantes em arquivos de natureza pública. O crescimento das pesquisas nas áreas de história da vida privada e história do cotidiano, bem como o interesse crescente pelas análises de tipo biográfico e pelas edições de correspondência escolhida, têm aumentado a procura por este tipo de fonte, chamando atenção para a importância de sua preservação, organização e abertura à consulta pública.

São cartas, fotografias, documentos de trabalho, registros de viagens, diários, diplomas, comprovantes e recibos, ou simplesmente *papéis velhos*. Esses documentos, quando tomados em conjunto, podem revelar não apenas a trajetória de vida, mas também gostos, hábitos e valores de quem os guardou, constituindo o seu arquivo pessoal. Arquivos pessoais, portanto, são conjuntos documentais, de origem privada, acumulados por pessoas físicas e que se relacionam de alguma forma às atividades desenvolvidas e aos interesses cultivados por essas pessoas, ao longo de suas vidas. Essa acumulação resulta da seleção dos documentos a serem guardados, entre todos os papéis manuseados cotidianamente, e vai sendo feita ao longo do tempo.

Há inúmeros exemplos da documentação produzida tanto pela família, como pelas empresas. Nesta parte, estão cadernos de anotações, nos quais é possível ver uma tentativa de organização de datas e fatos, porém, são misturadas informações sobre as atividades comerciais, os nascimentos e óbitos, e, acontecimentos a nível local e mundial (**figura 19**). Ali, foi marcado, entre uma linha e outra: a inauguração da Estrada de Ferro, de Montenegro à Caxias do Sul, em 01 de novembro de 1911; o naufrágio do Titanic, em 1912 e uma série de notas do gênero empresarial, tais como, Frederico Engel – fundação da Fábrica de Tecidos, em 02 de janeiro de 1911 ou “*redução de capital da Cristiano J. Trein de 200 para 100*”.

As plantas da *Urbanizadora Mentz*, atas, livros contábeis, fichas com informações detalhadas sobre os empregados e uma série de documentos relacionados à administração de uma



empresa – ou no caso, dos Mentz, conforme consta no capítulo 2, uma série de empreendimentos familiares – também gerou uma considerável documentação sobre as querelas pessoais que se estendiam aos negócios, envolvendo-os, ao mesmo tempo, sócios e parentes, assim é possível verificar uma série de desentendimentos, ocorridos ente 1940 e 1941. Na figura 20 está representada parte da planta urbanística do projeto Benópolis.

Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. Seu valor, especialmente como documento histórico, é identificado justamente nessas características, e também, em uma qualidade decorrente de uma nova concepção de verdade, própria às sociedades individualistas. Sociedades que separaram o espaço público do privado, a vida laica da religiosa, mas que, em todos os casos, afirmaram o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si para sua razão e sentimentos. Uma sociedade em cuja importa aos indivíduos sobreviver à memória dos outros, pois a vida individual tem valor e autonomia em relação ao todo. (GOMES, 2004).

Atualmente, se encontram plenamente acessíveis à pesquisa, toda a parte da imprensa¹, com jornais, revistas e almanaques. Apenas a coleção de jornais encadernados soma trinta e quatro títulos diferentes, abrangendo, principalmente, a produção em língua alemã publicada no Rio Grande do Sul, da década de 1860 até o início da década de 1940. Sendo que existem coleções que extrapolam este recorte temporal, como o Brasil Post e o e Deutsche Nachrichten, publicados após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Além de jornais em língua portuguesa de alguma forma ligados ao tema colonização alemã, como *Gazeta do Sul*, de Santa Cruz do Sul e jornais eclesiásticos e de associações diversas.

Em relação às estas coleções jornalísticas, por serem voltadas à comunidade teuto-brasileira, traziam as notícias nacionais e municipais, em idioma alemão. Se referiam também às questões esportivas, abordavam a Alemanha e também destacavam personalidades teuto-

¹ Outros títulos que podem ser citados são o *Der Bote* (1871-1878), *Deutsches Volksblatt* (1929-1937), ou o *Rio Grandenser Volksblatt* (1921-1937). De qualquer forma, na seção dos APÊNDICES, estarão os quadros com todos os títulos registrados de jornais e almanaques.



gaúchas ou alemãs, como por exemplo, Pedro Weingärtner², e Theodor Wiederspahn, respectivamente, um artista plástico e um arquiteto, famosos no Rio Grande do Sul.

Sua importância vai além do mapeamento empírico sobre a história da imigração e colonização alemãs, no Rio Grande do Sul, uma vez que são politizados, não se distinguindo dos demais jornais. Muitos destes periódicos, que em seus primórdios, tinham datas de publicação bastante espaçadas, De qualquer forma, se destacam as coleções do *Deutsche Zeitung* (1861-1917), o *Koseritz' Deutsche Zeitung* (1885-1906) e o *Neue Deutsche Zeitung* (1906-1941).

Para Francisco Rüdiger (1996), estas publicações não somente expressavam as disputas internas da colônia, mas as acirravam. Também afirma que mesmo Koseritz³ fazendo parte de uma vanguarda intelectual - entenda-se político-cultural, hegemônica, não conseguia superar as contradições existentes dentro deste círculo dito germânico, que muitas vezes estava colocado à margem do restante da sociedade brasileira. Havia densas disputas ideológicas sobre qual a melhor maneira, a comunidade teuto-gaúcha deveria inserir-se nos demais setores da sociedade.

Estes jornais tem, como característica em comum, um maior volume de informações a respeito da Alemanha, enquanto os outros jornais voltavam-se a outros países como França, Inglaterra e Estados Unidos. Possuem as mesmas sessões, o mesmo tipo de notícias, porém com fontes diferentes, podendo gerar outras versões para um mesmo fato noticiado na imprensa *oficial*.

Quanto a imprensa em língua portuguesa, não existem grandes coleções, há uma parte da *Gazeta do Sul*, de Santa Cruz do Sul, e outros jornais pequenos, como de associações e igrejas. Existem também jornais operários e partidários, estando os jornais integralistas com coleções *menos* incompletas. Há um conjunto de jornais não encadernados (uma significativa parcela se encontra bastante danificada), cujo número de títulos e exemplares ainda não foi

² Pedro Weingärtner (1853-1929) foi um pintor, desenhista e gravurista teuto-brasileiro. Famoso por pinturas de temática regional, como *Kerb* (1892), *Nova Veneza* (1893) ou *Carreteiros gaúchos chimarreando* (1911). Recentemente, houve uma intensificação nos estudos sobre sua vida e obras.

³ Karl von Koseritz (1830-1890), foi um imigrante alemão conhecido por seu papel exponencial, dentro da comunidade teuto-brasileira.



totalmente estimado, pois muitos se encontram empacotados e aqueles considerados duplicatas foram armazenados no 13º andar da Biblioteca Central da PUCRS.

Há também exemplos de raridades como a folha nazista *Für's Dritte Reich* (1934-1937), cuja condição é bastante precária. Do período anterior às demais coleções tem o *Der Deutsche Einwanderer*, com 5 exemplares de 1855, encadernados em volume único. Kersting (2004, p. 159) cita o *Der Colonist* (1852-1853), entretanto, ele não consta na listagem atual da imprensa.

Os almanaques são um tipo de produção jornalística, que trazem informações voltadas à cultura, à medida que, apresentam contos, histórias (ficcionais ou não), sendo uma rica fonte para a literatura teuto-gaúcha. Neste sentido, está parte de sua importância, também se considerando que a metade de um almanaque constitui-se de anúncios, propagandas de empresas, ou seja, são uma excelente fonte, aos que se interessem por reconstituir a história de empresas, através da publicidade difundida neste tipo de periódico. Existem noventa e três títulos diferentes, com diferenciados níveis de preservação. Em língua portuguesa, tem-se, por exemplo, *A Nação*, o *Almanaque do Correio do Povo* e o *Almanaque da Província do Rio Grande do Sul*.

A biblioteca do Acervo Benno Mentz é composta de mais de 4.000 títulos. Cerca de 70% dos livros são obras em língua alemã. Em torno de 1.100 títulos, considerados de maior interesse para os pesquisadores se encontram registrados e organizados em fichas, em ordem alfabética por sobrenome do autor e, na falta deste dado, por título da obra. Contudo, tal organização não pode ser transposta para as estantes, visto que existe apenas um bolsista atuante no momento. Mesmo que este conjunto já esteja à disposição dos pesquisadores, a sua consulta se dificulta pela inexistência de uma classificação por assunto, carecendo assim do trabalho de um bibliotecário. Pelo fato de a lista dos livros contarem praticamente cinquenta páginas, é inviável, colocá-la no corpo do texto.

O arquivo genealógico do Acervo Benno Mentz é formado pelo fichário genealógico e por uma pequena biblioteca de apoio. O conjunto apresenta cerca de 25.000 fichas com informações sobre as famílias alemãs (e seus descendentes) que se estabeleceram no Rio Grande do Sul a partir do século XIX. Os documentos estão guardados em aproximadamente uma centena de caixas, e apresentam-se desorganizados.



Sabe-se que foi a partir dos obituários de jornais que muitas destas fichas foram elaboradas, pois, ao se anunciar uma morte, ainda é comum, que vários membros de uma família tenham seus nomes discriminados inclusive, Gertz (2010) e Kersting (2014) afirmam que havia uma equipe que tratava da coleta destas informações.

Na seção das correspondências, apenas no que tange ao início da colonização alemã, totalizam 248 cartas, entre os anos de 1824 e 1842, destas, 202 são de autoria de José Thomaz de Lima, então, inspetor da Colônia de São Leopoldo.

Existem também cartas que tratam de aspectos da vida privada e empresarial da família Mentz. Boa parte delas está em idioma alemão, especialmente as que foram trocadas entre os membros da família. São mais abundantes entre as décadas de 1920 e 1940, e, em geral, sua caligrafia é bem legível, além do que, algumas são datilografadas. São missivas enviadas de vários lugares, o que sugere que possam fazer descrições de diferentes locais, como o Recife, em 1921 ou Paris, em 1925.

Quanto às fotografias, é possível afirmar que houve um “pouco de sorte”, pois apenas uma pequena parcela ficou inutilizável devido às circunstâncias de acondicionamento. Aliás, este tipo de material é abundante, e, trata dos mais variados segmentos - paisagens, cidades, os colonos, indígenas, personalidades públicas e abrange até o cinema da década de 1990. Sua organização se revela dificultosa, ao passo que, muitas não possuem referências ou dados que as discriminem. Algumas pastas já foram semiorganizadas, como as fotos de família e as, cujo tema, é o cinema.

Como o ABM ainda está em organização, apenas foram feitas classificações *gerais*, então, nesta parte do texto, aparecem alguns dos “outros” materiais, que vão desde itens singulares, sem outros de mesma tipologia, até curiosidades, como a máscara mortuária de Frederico Mentz. Em alguns casos, se tratam de materiais sem possibilidade de acesso, como os filmes que necessitam de restauração e uma bitola adequada para a sua exibição ou os discos que foram danificados. Também se enquadram neste conjunto, desenhos, poemas manuscritos, as partituras musicais, itens como etiquetas, selos dispersos⁴, uma infinidade de recortes que se descolaram dos álbuns originais, muitos papéis com anotações confusas e

⁴ Sabe-se que Benno Mentz era um contumaz colecionador de selos, entretanto, boa parte deles foi perdida.



caligrafia ilegível ou materiais de aprendizagem, como, por exemplo, cadernos de caligrafia.

Por último, convém dizer que no catálogo provisório do ABM, constam os seguintes fundos:

- A. Fundo Jacob Aloys Friedrichs (JAF)
- B. Fundo Sociedade Leopoldina
- C. Fundo Theatro São Pedro
- D. Fundo Partituras Musicais (em organização)
- E. Fundo Socorro à Europa Faminta (em organização)

Em termos de organização, o ABM ainda precisará de alguns anos para que esta etapa se conclua desde que não seja novamente transferido. Pois se a pesquisa não pode apresentar mais dados sob determinados aspectos, também é pelo fato de que, grande parcela dos materiais foi apenas classificada (a primeira etapa) e dificulta o trabalho, mas um dos objetivos é salientar a necessidade de investir nos acervos e arquivos. E, mesmo que a situação não seja ideal, o pesquisador tem condições de trabalhar a partir das fontes do ABM.

Por mais que um dos objetivos do trabalho fosse demonstrar a importância dos estudos sobre as histórias de arquivo, outra faceta foi a valorização das fontes (não apenas como fontes para a Historiografia) e do patrimônio constituído pelo ABM, cujo papel é relevante, ao abrigar uma imensidade de fontes materiais, em diferentes níveis de preservação. Enquanto alguns materiais foram fruto do colecionismo, outros foram produzidos a partir das empresas, ou pela reunião da documentação pessoal (fotografias, correspondências, etc.). Outros foram coletados e/ou confeccionados, como as fichas do arquivo genealógico.

Portanto, devido à sua diversidade e amplitude, o ABM se tornou ao longo dos anos uma fonte imprescindível para os pesquisadores e estudiosos, tanto de universidades e centros de pesquisa brasileiros quanto estrangeiros, lembrando que "no Brasil, os arquivos históricos estão numa verdadeira corrida contra o tempo, mas ainda não conseguimos ultrapassar a barreira da falta de recursos materiais e humanos para darmos o salto necessário para o rompimento do nosso atraso". (ARAÚJO; BATALHA, 1999, p: 76). Apesar das dificuldades de espaço e recursos, o ABM continua o desafio de dispor-se e preservar a memória abrindo novas possibilidades ou novos prismas, em contribuição com a historiografia.



Há todo um trabalho a ser feito (em conjunto) entre historiadores, arquivistas, e bibliotecários com vistas a unir esforços para conservar e estudar os acervos existentes no Brasil, encontrando soluções para os diferentes problemas pertinentes a um arquivo ou acervo. Pensar e tornar concretos, lugares seguros para que possam ser mantidos, contudo não basta conservar, é preciso disponibilizar, seja à comunidade acadêmica, seja aos leigos ou curiosos.

Possivelmente, ao longo do texto, ficou entendido que Benno Mentz tinha interesse na história sobre a colonização e imigração alemã, era um entusiasta dos estudos genealógicos. Conforme, as fontes, sua viagem para Alemanha, em 1954 tinha como objetivo coletar dados em centros de documentação sobre a temática da imigração para o Brasil. O que reforça a hipótese de que ele se preocupou em registrar não somente sua vida e da sua família, mas também oferecer condições para que outros também pudessem ter chance de sondar suas próprias histórias (dentro do entendimento do fazer historiográfico daquela época). Ainda hoje, a prática de exaltação da identidade germânica está presente na sociedade, independentemente de ser um descendente de alemães ou não.

Certamente, se pode afirmar que Benno Mentz esteve em contato com as discussões que ocorriam, sobre a questão do germanismo e da identidade dos *alemães* enquanto teuto-brasileiros, mas apontar seus objetivos é impossível, pois até que ponto suas atitudes foram racionalizadas? Mesmo que não se ultrapasse o campo da especulação e novos dados empíricos não sejam obtidos, talvez os indícios possam servir para constatar ou questionar sobre uma das facetas da vida de Benno Mentz, pois ao *arquivar*, implicitamente, se faz uma intervenção, dando um sentido, agindo socialmente sobre a informação. Em respeito, aos diferentes atores sociais - que em sua maioria não aparece nas fontes – e como uma forma de reconhecer sua importância e a relevância de seus papéis foi cotejada um pouco da história do ABM.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Angela M. C.; BATALHA, Claudio H. M. Preservação da Memória e pesquisa: a experiência do Arquivo Edgar Leurenroth (AEL) In: SILVA, Zélia Lopes da (Org.) *Arquivos*,



patrimônio e memória: Trajetórias e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP. FAPESP,1999. p.65-78.

ARENDT, Isabel Cristina. Representações de germanidade, no “Jornal Geral para o Professor”. *A Dimensões*. UFES. Out.2006. p. 104-138.

BECKER, Klaus. A Fundação e os primeiros 30 anos de Teutônia. In: *Anais...*Porto Alegre: 1º Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros. 1976. 372 p

BJERG, María. *Historias de la inmigración em la Argentina*. Buenos Aires: Edhasa, 2010.

GANS, Magda. *Presença teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Coleção ANPUHRS.

GERTZ, René .Cidadania e nacionalidade história e conceitos de uma época. In: MULLER, Telmo Lauro (Org). *Nacionalização e imigração alemã* São Leopoldo: UNISINOS, 1994.p.13-26.

KERSTING, Eduardo. A Imprensa em língua alemã no Acervo Benno Mentz. In: DREHER, Martin N. *Imigração & imprensa*. Porto Alegre: EST, 2004, p. 157-162.

MOREIRA, Alice C. DELFOS, um espaço construído pela pesquisa. PUCRS: *Letras de Hoje*. 2010. p.5-10.

MULLER, Telmo Lauro. A memória dos teuto-gaúchos. In:FISCHER, Luís; GERTZ. René E. *Nós, os teutos, gauchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. p. 243-248.

WEBER, Roswithia . *As comemorações da imigração alemã no Rio Grande do Sul*. O “25 de Julho” em São Leopoldo, 1924-1949. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.

FONTES CONSULTADAS

ACERVO BENNO MENTZ , DELFOS/PUCRS.

COLÉGIO FARROUPILHA. *História. Porto Alegre*. [2013?]. Disponível em: <http://colegiofarroupilha.com.br/quem_somos/see/2>. Acesso em: 04 dez. 2013.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. DELFOS -
Espaço de Documentação e Memória Cultural. *Apresentação*. Porto Alegre, [2014].
Disponível em: < <http://www.pucrs.br/delfos/?p=apresent> >. Acesso em: 21 dez. 2014.